



FACULDADE DE ILHÉUS  **CESUPI**

**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA**

**O PROCESSO DE ENFRENTAMENTO DA MORTE E DO MORRER
SOBRE O PRISMA DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL
FENOMENOLÓGICA**

**Ilhéus, Bahia
2020**



FACULDADE DE ILHÉUS  **CESUPI**

**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA**

GESIMIEL MOISÉS SANTA FÉ SANTANA

**O PROCESSO DE ENFRENTAMENTO DA MORTE E DO MORRER
SOBRE O PRISMA DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL
FENOMENOLÓGICA**

Monografia (artigo científico)
entregue para acompanhamento
como parte integrante das atividades
de TCC II do Curso de Psicologia da
Faculdade de Ilhéus.

**Ilhéus, Bahia
2020**

**O PROCESSO DE ENFRENTAMENTO DA MORTE E DO MORRER
SOBRE O PRISMA DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL
FENOMENOLÓGICA**

GESIMIEL MOISÉS SANTA FÉ SANTANA

Aprovado em: ___ / ___ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marcos Aurélio Lordão Rocha– Especialista

Faculdade de Ilhéus - CESUPI

(Orientador)

Prof. Walmir dos Santos Monteiro – Mestre

Faculdade de Ilhéus - CESUPI

(Avaliador I)

Prof. Lindomar Coutinho da Silva– Mestre

Faculdade de Ilhéus - CESUPI

(Avaliador II)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por ter me mantido com saúde e forças para chegar até o final.

Sou grato à minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida.

Deixo um agradecimento mais que especial ao meu orientador professor Marcos Aurélio Lordão Rocha pelo incentivo e pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo, por toda a dedicação e paciência, e ao Prof. Dr. Rodrigo Alves Bezerra que sempre foi muito paciente e acessível.

Também quero agradecer à Faculdade de Ilhéus e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade do ensino oferecido.

A todos os meus amigos do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A VISÃO DA MORTE AO LONGO DO TEMPO	10
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO FENOMENOLÓGICO.....	11
3.1 A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA.....	12
3.2 PSICOLOGIA HUMANISTA-EXISTENCIAL- FENOMENOLÓGICA.....	13
4. LUTO E EXISTÊNCIA.....	14
4.1 FASES DO LUTO.....	15
4.2 ASPECTOS EMOCIONAIS DA FAMÍLIA FRENTE À MORTE.....	17
5. O HOMEM MODERNO E A PERCEPÇÃO DA SUA FINITUDE.....	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

O PROCESSO DE ENFRENTAMENTO DA MORTE E DO MORRER SOBRE O PRISMA DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL FENOMENOLÓGICA

THE PROCESS OF COPING WITH DEATH AND DEATH ON THE EXISTENTIAL PHENOMENOLOGICAL PSYCHOLOGY PRISM

Gesimiel Moisés Santa fé Santana, Marcos Aurélio Lordão Rocha

- 1- Gesimiel Moisés Santa fé Santana, discente do curso de psicologia da faculdade de Ilhéus, Ilhéus-BA, E-mail: Gesimiel_moises1@hotmail.com
- 2- Marcos Aurélio Lordão Rocha, docente da faculdade de Ilhéus, Ilhéus-BA, E-mail: mlordao@hotmail.com

RESUMO:

A morte constitui um dos assuntos mais mistificados, temidos e ignorados pela sociedade e pelos indivíduos, mesmo quando a pessoa cultiva valores espirituais, conceitos como viver no céu após seu falecimento, ou viver num Paraíso com a imortalidade da alma, a palavra morte traz consigo muitos atributos e associações como a dor, ruptura, interrupção, desconhecimento, tristeza. E isso pode contribuir para o sentimento de angústia e o medo da morte. Observa-se que a morte está ausente do dia-a-dia do mundo familiar, pois foi transferida para os hospitais e as crianças são impedidas, pelos adultos, de participarem dos cerimoniais de despedidas e muitas vezes quando a morte ocorre de forma repentina, tende a causar inúmeras alterações na vida de uma pessoa, causando diversos prejuízos nos funcionamentos emocionais. Nesse sentido, a proposta é inscrever o processo da morte e do luto, enquanto fenômenos existenciais marcados pelo sofrimento e perda de sentido ao se deparar com a finitude da vida, discutindo o processo de morte e luto, relatando o tema a partir da terceira força psicológica que são as abordagens humanistas. O trabalho foi desenvolvido seguindo os preceitos do estudo exploratório por meio de uma pesquisa bibliográfica, Foram utilizados livros, artigos acadêmicos, monografias, sites. A morte na família envolve múltiplas perdas: a perda da pessoa; a perda de papéis e de relações, Reconhecer e aceitar a finitude pode fazer dela uma experiência menos dolorosa e traumática.

Palavras-chave: Luto, realidade da morte, Fenomenologia.

ABSTRACT:

Death is one of the most mystified subjects, feared and ignored by society and individuals. Even when a person cultivates spiritual values, concepts like living in

heaven, or a paradise and with the immortality of the soul, the word death brings with it many attributes and associations such as pain, rupture, interruption, ignorance, sadness. And that can contribute to the feeling of anguish and the fear of death. It is observed that death is absent from the daily life of the family world, as it was transferred to hospitals and children are prevented, by adults, from participating in farewell ceremonies and often when death occurs suddenly, tends to cause numerous changes in a person's life, causing numerous impairments in emotional functioning. In this sense, the proposal is to inscribe the process of death and mourning, as existential phenomena marked by suffering and loss of meaning when faced with the finitude of life, discussing the process of death and mourning, reporting the theme from the third force psychological the humanistic approaches. The work was developed following the precepts of the exploratory study through a bibliographic search. Books, academic articles, monographs, websites were used. Death in the family involves multiple losses: the loss of the person; the loss of roles and relationships, recognizing and accepting finitude can make it a less painful and traumatic experience.

Keyword: Grief, reality of death, Phenomenology.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, várias temáticas consideradas tabus começaram a ser encaradas e estudadas. Porém falar sobre o luto e a morte assume-se ainda nos dias de hoje como um assunto que a sociedade continua a ignorar. Uma vez que o luto e o morrer constituem-se como temas complexos é nítido que falta uma preparação para lidar com a morte. Mesmo quando a pessoa cultiva valores espirituais, conceitos tais como a imortalidade da alma, não afastam a angústia e o medo de morrer (WORDEN 2013).

Quando a morte ocorre de forma trágica e repentina, tende a causar inúmeras alterações na vida de uma pessoa, acarretando, muitas vezes, prejuízos e alterações, principalmente, nos funcionamentos emocionais. Nesse sentido, a proposta é inscrever o processo da morte e do luto, enquanto fenômenos existenciais marcados pelo sofrimento e perda de sentido ao se deparar com a finitude da vida (GOMES 2019).

Dos vários tabus que marcam a história da nossa sociedade, a sexualidade e a morte parecem ter sempre ocupado os primeiros lugares. Este último, ao contrário da sexualidade, continua a ser um tema muitas vezes non grato, pois falar da morte recorda-nos a efemeridade da nossa própria vida e todos os esforços são feitos no sentido de tentar contrariar o incontornável facto da mortalidade. A própria estrutura que a sociedade ocidental adaptou vem facilitar este afastamento direto da morte, dificultando, no entanto, a adaptação necessária à perda, para prosseguir com a vida. O fato das pessoas morrerem cada vez mais frequentemente nos hospitais, por vezes longe da presença familiar no momento da perda, acaba por afastar a confrontação direta com a morte, como acontecia antigamente, em que as pessoas na maior parte das vezes morriam em casa (OLIVEIRA, 2012).

De acordo com Brown (1989), não só o impacto da morte é normalmente intenso e prolongado, mas também os seus resultados não são habitualmente reconhecidos pela família como estando relacionados com a perda. A morte ou doença grave de qualquer familiar leva, assim, a uma ruptura no equilíbrio familiar. O grau de ruptura para o sistema familiar é afetado por um número de fatores, sendo os mais significantes: o contexto social e étnico da morte; o histórico de mortes anteriores; a altura da morte no ciclo de vida; a natureza da morte ou da doença grave; a posição e função da pessoa no sistema familiar; e a abertura do sistema familiar.

Deste modo, torna-se essencial perceber o impacto que uma perda significativa tem não só no indivíduo, como também no sistema familiar e nas suas interações. Uma maior consciência e compreensão dos possíveis caminhos que cada um pode percorrer para recuperar de uma perda, permite uma maior aceitação das inúmeras diferenças que o processo de luto tem de pessoa para pessoa.

Este trabalho Busca identificar alguns aspectos da existência e da morte, a partir de uma leitura fenomenológico-existencial .A intenção é o de discutir o processo de morte e luto, relatando o tema a partir da terceira força psicológica que são as abordagens humanistas, tendo como finalidades relatar de quais formas os indivíduos e seus familiares reagem frente a realidade da morte e a perda de um ente querido, expressar uma compreensão fenomenológica sobre a vivencia do luto, e para o entendimento do fenômeno da morte, nos detivemos na análise fenomenológica sob o olhar de teóricos existenciais

Parte-se da suposição de que ao defrontar - se com a possibilidade real da morte de um ente querido, ou de sua própria morte, o ser humano fecha-se em si mesmo e não consegue entender sua própria condição existencial, negando a verdade que se apresenta ao seu redor, isto é, a de ser um ser finito. A existência humana pode tornar-se alvo de questionamento, principalmente quando o sujeito vivência alguma fatalidade em seu cotidiano que ele não consegue enfrentar de imediato, mas que lhe gera sentimentos de temor e padecimento. Reconhecer e aceitar a finitude pode fazer dela uma experiência menos dolorosa e traumática.

O trabalho foi desenvolvido seguindo os preceitos do estudo exploratório por meio de uma pesquisa bibliográfica, Foram utilizados livros, artigos acadêmicos, monografias, sites. A coleta de dados seguiu a seguinte premissa:

- a) Leitura Exploratória de todo o material selecionado (leitura rápida que objetiva verificar se a obra consultada é de interesse para o trabalho).
- b) Leitura Seletiva.
- c) Registro das informações extraídas das fontes em instrumento específico (autores, ano, método, resultados, discussões e conclusões).

2 A VISÃO DA MORTE AO LONGO DO TEMPO

Já sabemos que a morte é caracterizada pelos mistérios e incertezas sobre aquilo que não se conhece, todas essas características da morte desafiaram e ainda desafiam as mais diversas culturas, onde as mesmas procuram respostas na religião, filosofia, mitos etc. No objetivo de entender o desconhecido e por fim, ou ao menos remediar a angústia gerada pela certeza da morte. (CAPUTO, 2008)

Os hindus, como os gregos, tinham o costume de incinerar os corpos, porém, os sentidos eram completamente diferentes, pois os gregos cremavam com o intuito das cinzas guardarem a memória dos mortos. Já os hindus cremavam o cadáver, o qual era despojado de sua identidade, personalidade e inserção social. Uma vez consumido pelo fogo, as cinzas eram lançadas ao vento ou nos rios. É importante salientar que a sociedade ocidental tem as suas raízes na civilização grega, que se tornou o berço do pensamento ocidental, bem como no judaísmo e no cristianismo, estas religiões influenciaram muito a cultura ocidental. (ARIÉS, 1989)

Na primeira Idade Média a morte era vivida em casa “domesticada”, junto ao anseio familiar e amigos, ou seja, havia certa intimidade entre o morrer e o cotidiano da sociedade, e este ato era encarado como algo natural da vida. Era comum a realização do ritual final. A partir do século XII, ao invés da certeza passa a reinar a incerteza, à Igreja passou a intermediar o acesso da alma ao paraíso e o julgamento final deixava de ser visto como evento que ocorreria nos tempos finais e passa a ser visto como um evento que aconteceria imediatamente após a morte e resultaria na descida ao inferno (no sofrimento eterno) ou a ascensão aos céus (na alegria eterna) e isso dependeria da conduta do moribundo antes da morte, suas ações, sua fé. (ARIÉS, 1989)

Na Idade Moderna, a partir do século XVIII, as atitudes do homem perante a morte alteram-se mais uma vez, dessa vez ela passa a ser romantizada e o homem desta época passa a ter intimidade com a ideia da morte, essas mudanças causaram alterações nas perspectivas das pessoas em relação à morte, a qual deixava de ser algo natural e passava a ser uma provação. O morrer passa a ser também um momento de ruptura, no qual o homem era arrancado de sua vida cotidiana e lançado num mundo irracional, violento e cruel. Assim passa a ocorrer uma radical separação entre a vida e a morte e uma laicização da última. (ARIÉS, 1989)

As igrejas deixaram de ser o local dos sepultamentos, os quais passaram a ocorrer em cemitérios, construídos nas margens da cidade, marcando assim uma dicotomia entre vivos e mortos. Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, passa a ocorrer uma mudança brusca, na qual a morte deixa de ser familiar e passa a ser um objeto proibido. Um fator material importante que ajudou a impulsionar esta transformação foi a transferência do local da morte, já não se morre em seu domicílio, no meio dos familiares, mas sozinho no hospital. O velório também deixa de ser realizado na casa da família, na qual antes o corpo ficava exposto e era visitado pelos entes queridos, pois cada vez menos é tolerado a presença do morto em casa, tanto em função de questões de higiene quanto por falta de condições psicológicas de vivenciar esta situação. Na atualidade evita-se falar de morte, bem como de ver o corpo do moribundo, pois isto nos traz à consciência a ideia de nossa própria finitude (CARVALHO 1996)

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

A fenomenologia surgiu no início do século XX, criada por Edmundo Husserl (1859-1938), que recebeu inspiração do pensamento de Platão, Descartes e Brentano (SILVA et al., 2008). De acordo com a proposta de Husserl, a Fenomenologia pode ser entendida como meio de acessar o sentido da experiência imediata. Husserl tinha por ambição conhecer a essência dos fenômenos, ultrapassando assim, as aparências para chegar à essência das coisas. A tentativa dele não era provar a existência dos fenômenos, mas sim, desenvolver uma metodologia que permitisse compreender o sentido dos fenômenos. Para Husserl, esse sentido é a essência do fenômeno (LIMA NETO, 2013).

De acordo com Holanda (1997), além de entender o sentido dos fenômenos, a Fenomenologia torna-se um modo de estar no mundo, de existir. Logo, o próprio ser humano é um fenômeno, sendo este, o fenômeno mais complexo e completo que existe. No contexto da psicoterapia, a Fenomenologia facilita a compreensão da relação psicoterapêutica que se dá pela análise da intersubjetividade e do modo de estar no mundo. Essa análise permite a abertura de uma série de possibilidades de se chegar ao fenômeno. Relativo a vivência do luto por uma pessoa, é diferentemente experienciado, portanto, destacamos que do ponto de vista da psicologia fenomenológica o mais relevante e central é a descrição do sentido da relação.

O impacto da morte de outrem e o conseqüente luto não se definem por rótulos interacionais, entretanto o luto é diferentemente vivenciado a depender da qualidade da relação que mantemos ou mantínhamos com quem perdemos quando lidamos com o sofrimento no cotidiano do trabalho do psicólogo. Portanto, não se deve ignorar que a experiência vivida é sempre implicada pelo panorama, que se constitui como um sistema de referência subjetiva, onde o sentido da aparição do fenômeno é nele e por meio dele articulado e compreendido, todas as descrições apresentadas diante de cada relação de onde emergem os sentidos da perda e do luto é o tema por excelência das investigações no campo da psicologia fenomenológica (FREITAS, 2013)

3.1 A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA

A clínica humanista-fenomenológica desenvolve uma teoria e uma metodologia para uma clínica mundana de caráter eminentemente crítico (Moreira, 2007; 2009; 2010; 2013; Tatossian, & Moreira, 2012). Também desenvolve o conceito de compreensão empática em uma direção fenomenológica, entendendo que o psicoterapeuta não apenas busca penetrar no mundo do cliente, tal como colocado por Rogers (1965/1977a), mas, por meio da redução fenomenológica, põe de lado todas as concepções teóricas, experiências e conceitos pessoais pré-concebidos, atendo-se apenas à fala do cliente. O psicoterapeuta busca se mover de mãos dadas com o cliente em seu mundo, procurando compreender o significado da sua experiência vivida relativo a manifestação do luto (MOREIRA, 2009).

Essa redução fenomenológica, que serve como uma das ferramentas de intervenção na vertente humanista-fenomenológica (MOREIRA, 2009; MOREIRA, & TORRES, 2013), consiste em um artifício a ser usado para se colocar em suspenso seus conteúdos pessoais e teóricos, incluindo todas as suas teorias, concepções, pré-julgamentos e experiências, para conseguir penetrar no mundo vivido do cliente, acessando o fenômeno tal como emerge na fala do cliente, compreendendo-o empaticamente. Ocupar-se da singularidade como modo de apresentação universal é ter a preocupação específica do campo psicológico na compreensão e acolhimento do sofrimento em sua experiência vivida, as variações da vivência do luto são influenciadas pela qualidade do vínculo entre o morto e o enlutado. Importante ressaltar que a compreensão do luto é vivida como um processo, vivenciado de modo singular e essa vivência não pode ser considerada doença.

3.2 PSICOLOGIA HUMANISTA-EXISTENCIAL-FENOMENOLÓGICA.

O movimento que deu início no estabelecimento da Psicologia Humanista teve sua origem no ambiente acadêmico norte-americano do pós-guerra. Os líderes do movimento humanista levantaram suas vozes contra a imagem de homem e de método científico defendidas pelo Behaviorismo predominante no campo da Psicologia experimental - e contra a imagem de homem e de método terapêutico da Psicanálise - dominantes no campo da psicoterapia. Como afirma De Carvalho (1990), a oposição ao Behaviorismo foi a posição que, pelo caminho da negação, mais contribuiu para o estabelecimento conceitual da Psicologia Humanista.

Os autores do pensamento existencialista designam o termo existência apenas para se referirem ao homem. Isso sugere uma ideia de movimento, de transitoriedade, ou seja, de um vir-a-ser. Heidegger (2012) concebe a existência como um modo próprio de ser do homem, diferente dos ser das coisas e dos animais. Então, só o homem existe. As pedras são, mas não existem. As árvores são, mas não existem. Os animais são, mas não existem. Destacando os dois maiores expoentes do Existencialismo – Heidegger e Sartre – ambos pontuam a disparidade radical entre o humano e o não humano. (ANGERAMI-CAMON, 1985)

Para a compreensão do pensamento existencial, é necessário apontar a discussão filosófica a respeito dos conceitos de existência e essência. Dizer que a existência precede a essência significa afirmar que o homem, a princípio, existe, descobre-se e aparece no mundo e, somente depois, define-se (SARTRE, 2007) A essência do homem jamais precede sua existência, ou seja, somente existindo é que o homem descobre a sua essência, que está em construção durante toda a sua vida.

Mesmo que os existencialistas considerem importante ressaltar que não há separação entre o sofrimento e a existência, é importante deixar claro que não significa dizer que eles exploram tão somente o lado trágico da vida. O estudo e a compreensão dessas temáticas permitem que a realidade humana seja melhor compreendida, bem como permite a compreensão da responsabilidade do ser humano frente a construção de seus ideais de vida (ANGERAMI-CAMON, 1985).

Heidegger (2012) utiliza o termo Dasein na designação do ser do homem. O conceito de Dasein é uma resultante de dois elementos, uma palavra composta (Dasein), sendo que “da” significa “aí” e “sein” significa “ser”. Portanto, Dasein significa a existência e o ser-que-está-aí, ou ser-aí, ou ainda de acordo com muitas

interpretações, presença. Desta forma, a análise do Dasein é análise da existência e do ser. Segundo Heidegger (2012), o Dasein não necessita nada, porque o ser se mostra como projeto e antecipação de sua própria morte, o ser se realizaria apenas na condição de ter existido no mundo. Segundo Oliveira (2012), existem três traços fundamentais, relacionados ao Dasein, são eles: ser-no-mundo, ser-com-os-outros e ser-para-a-morte. Ao referir-se ao ser-com-os-outros, Oliveira (2012) explica que não existe ser humano que seja isolado dos outros semelhantes, há sempre uma relação entre os mesmos. Já o ser-no-mundo se dá quando o homem significa a sua existência a partir de suas escolhas; isso é o que lhe permite existir, porém, a morte não é algo que pode ser escolhido, pois o homem não pode optar por não morrer. Portanto, quando se percebe a possibilidade da morte, inicia-se a compreensão do ser-para-a-morte (OLIVEIRA, 2012).

O homem realiza a sua existência num humor mediado pela angústia, visto que, ao olhar para o futuro, existe a indeterminação por não saber o que vai ser, e ao olhar para o passado, vê o que já está determinado, assim a totalidade da história desse homem se transforma a cada novo elemento, dentro do processo de construção. Para Heidegger, o Dasein existe sempre numa abertura, e a angústia é considerada como um elemento impulsionador para vivenciar a morte e a dor da perda como um fato existencial natural (LOPES 2007).

4 LUTO E EXISTÊNCIA

Como mencionado anteriormente é importante apontar mais uma vez a discussão filosófica em torno dos conceitos de existência e essência. Dizer que a existência precede a essência significa afirmar que o homem, a princípio, existe, descobre-se e desponta no mundo e, somente depois, define-se (SARTRE, 2007).

O luto é a reação característica a uma perda significativa. O termo luto é empregado para designar uma variedade de processos psicológicos, provocados pela perda de uma pessoa amada (Worden 2013). Importa evidenciar que a palavra “perda” pode estar associada a uma perda real ou simbólica (PEREIRA, 2015).

O luto é visto como um “tabu”, o que poderá trazer dificuldades na forma como se encara a morte. É o processo de reconstrução do sujeito após uma perda que pode prolongar-se durante meses ou anos, podendo tornar-se em luto patológico (Worden 2013).

A morte de um ente querido é uma das experiências mais angustiantes com as quais o ser humano se confronta ao longo de sua existência. Além de trazer um sofrimento quase insuportável pela perda de uma pessoa amada, O luto nos tira do patamar da vida que estamos vivendo e nos transporta para uma dimensão muitas vezes desconhecida, sofrida e nova, faz com que possamos imergir na realidade da finitude humana. (GOMES 2019)

Sabe-se que a morte faz parte do desenvolvimento humano desde a sua mais tenra idade e prolonga-se por todo o ciclo vital. Apesar de fazer parte de um processo natural, ainda assim falar sobre a finitude humana nunca foi fácil. A atitude do homem contemporâneo diante da morte e do morrer pode ser considerada o resultado de um longo processo de mudanças que atravessaram o tempo (PEREIRA, 2014).

4.1 FASES DO LUTO

As fases do processo do luto são descritas por diversos autores com poucas variações na descrição de algumas características especiais. Neste momento serão apresentadas as fases do luto segundo dois renomados autores no campo da pesquisa sobre o luto, Elisabeth Kubler-Ross e Colin Murray Parkes. Segundo Kubler-Ross (1996), o luto possui cinco estágios: o primeiro é o da negação e isolamento; o segundo é o da raiva; o terceiro da barganha; o quarto da depressão e o último é o da aceitação. No primeiro estágio, a negação funciona Como o próprio nome denomina, o primeiro estágio é a experiência da não acreditar no que está acontecendo consigo mesmo. A negação pode ser seguida de um choque inicial. Evidentemente, a negação é um mecanismo de defesa da pessoa diante do limite da vida, é onde ocorre o choque inicial perante a notícia ruim.

No segundo estágio da raiva, a negação é substituída por sentimentos de raiva, revolta, inveja e ressentimento. O enlutado, nesse estágio, queixa-se de tudo, muitas vezes vira-se contra Deus, procura culpados, etc. porém é importante saber que o alívio proveniente do fato de externar a raiva contribuirá para melhor aceitação do luto.

A barganha do terceiro estágio é uma tentativa do enlutado de negociar os seus medos diante da perda, muitas vezes agarrando-se a seres ou representações que de acordo com suas crenças, têm o poder para intervir nessa situação de morte. No estágio quatro, a depressão que é marcada por uma grande sensação de perda, é dividida em preparatória e reativa: nesta, surgem outras perdas (de emprego, de

dinheiro, etc.) decorrentes da perda por morte; e naquela, o momento da aceitação já está mais próximo e os enlutados passam a repensar na sua vida.

Já no último estágio da aceitação, acontece quando cessam as possibilidades de tratamento e a morte se torna mais próxima, as pessoas tendem a ficar mais calmas e conseguem expressar melhor seus sentimentos, emoções e frustrações. Quando falamos de luto, é preciso evidenciar que não podemos nos esquecer da dimensão cultural que envolve esse tema. O processo de aceitação é dificultado quando a pessoa passa muito tempo em negação em relação à morte.

Parkes (1998) define quatro fases do luto: a primeira chama-se, fase do entorpecimento; a segunda, da saudade ou procura pelo outro; a terceira, da desorganização e desespero, e a última, da recuperação. O entorpecimento pode não vir de repente, mas leva alguns minutos e pode durar alguns dias, durante os quais o indivíduo enlutado passa pelo processo de extremo sofrimento, podendo se sentir mal ou enrijecido. Essa fase tem uma função defensiva, mas pode ocorrer de maneira inacabada, isso é facilmente verificado na sensação de desastre iminente e de tensão constante sobre o enlutado durante esse período. Em situações de mortes inesperadas, o entorpecimento pode permanecer durante um longo período de tempo.

Na segunda fase, o traço mais característico do luto aparece, que são episódios agudos de dor, sofrimento, mal estar e com muita ansiedade e dor psíquica. Nessa mesma fase, a pessoa enlutada sente muita saudade da pessoa que morreu, chora, lamenta e chama por ela, mesmo sabendo que seus esforços não servirão para recuperar a pessoa perdida. Na terceira fase da desorganização, o enlutado experimenta sensações de vazio e irrealidade, sentindo-se ausente, muitas vezes acompanhado do vazio existencial, distante e perdendo sua agressividade. (CARNAÚBA 2016)

Após essas fases, acontece a última, chamada de recuperação, em que, mesmo a saudade não indo embora, o enlutado começa a voltar a ter interesse pelas coisas do mundo e passa a querer fazer planos para o futuro. Com a descrição dos autores referente às características de cada fase do luto, é importante compreender que a intensidade, a duração e a ordem de aparecimento de cada fase podem variar de pessoa para pessoa, de acordo com a situação vivenciada e com a subjetividade de cada enlutado. (CARNAÚBA 2016).

4.2 ASPECTOS EMOCIONAIS DA FAMÍLIA FRENTE À MORTE

Os rituais de morte ocorrem desde o princípio da humanidade variando de cultura para cultura, trazendo um pensamento sobre a vida após a morte, sobre a religiosidade e sobre a possibilidade de superar a morte. Indiscutivelmente, estas diferentes expressões mostram a tentativa de minimizar uma separação abrupta, facilitando, assim, a superação do luto e, aproximando, o homem da morte, diminuindo o terror que esta causa. Cada época tem parâmetros e suas definições do que é considerada uma boa morte.

Na Idade Média, os grandes valores eram o planejamento do morrer, com a proximidade da família, compartilhando testamentos, promovendo a continuidade dos desejos e a distribuição dos bens. Havia um envolvimento de uns na morte dos outros, pois muitas vezes o que reconfortava os sujeitos era a presença de outras pessoas ao seu redor. (ELIAS, 2001)

Sem dúvida, a expressão em torno da morte era mais clara e frequente, demonstrando as mudanças ocorridas em nossa sociedade ocidental. (ELIAS, 2001; KOVÁCS, 2014).

A mudança do local de morte, de casa para o hospital, ocorreu porque as pessoas começaram a sentir que este era o local correto onde mais recursos humanos e tecnológicos estavam disponíveis, para evitar que a morte ocorresse. Motivado também por um sentimento de maior segurança, pois a ideia de serem acompanhadas num hospital se relaciona com o não sofrimento nos momentos finais de vida. Com o tempo, verificou-se que a morte, em meados do século XX, transferiu-se definitivamente para os hospitais (ÀRIES, 1989). São raros os familiares que mantêm a tradição de levar a qualquer custo o doente para casa, para que morra em paz e com os seus; a morte no hospital é mais conveniente. A morte deixa de ser um problema familiar, afetivo e de solidariedade, para passar a ser um problema técnico e principalmente de profissionais da área da saúde (ÀRIES, 1989)

Em nossa contemporaneidade observa-se que ocorre uma medicalização da morte, evitando que ela ocorra de forma pacífica e por causas naturais, como muitos desejam. Isso ocorre devido a uma fragmentação do cuidado associado a uma complexidade crescente de processos médicos, que podem resultar em desejos dos pacientes perdidos ou negligenciados, como no caso de uma não ressuscitação. Em nossa sociedade, o desejo de acabar mais rapidamente com esta sombra maligna da

morte exprime-se no fato de que os funerais são cada vez mais breves e a cremação tornou-se um recurso muito utilizado (KOVÁCS, 2014). Yalom (2008) comenta que a angústia da morte, além de acompanhar a consciência da própria morte, tende a aumentar muito quando o indivíduo encontrasse em solidão.

Pouca investigação tem sido feita sobre como o conflito familiar e as experiências de prestação de cuidados no final da vida podem influenciar o processo de luto dos familiares cuidadores. O luto, reação natural e esperada à perda de um ente querido, é vivido tanto individualmente como no contexto familiar, e uma perda pode influenciar o funcionamento e a dinâmica de uma família, uma vez que, a família vista como um sistema integrado de relações é alterado para sempre e os seus membros são obrigados a se reorganizar. (QUEIROZ 2013)

Portanto, pode haver características do sistema familiar a afetar o processo de luto, assim como cada indivíduo difere na expressão do seu próprio luto. A vivência do luto pode ser potencializada ou prejudicada de acordo com a abertura para a comunicação e o nível de coesão entre os membros da família, por isso, um bom funcionamento familiar durante a fase de prestação de cuidados ao doente e principalmente no luto é importante para o bem-estar psicológico dos seus membros. (QUEIROZ 2013)

5 O HOMEM MODERNO E A PERCEPÇÃO DA SUA FINITUDE

Sabemos que a existência desperta inquietações nos homens, que buscam compreender suas causas e motivos, tentando assim incessantemente atribuir-lhe um sentido. É possível perceber que o paradoxo da existência, ou seja, a morte causa sentimentos contrários, como o medo e a insegurança, pois é algo desconhecido que está relacionado à não-existência (TUY, 2009).

O paradigma vida e morte atormenta o homem moderno, sendo gerador de angústias e reflexões, estudos e também negações. Para Yalom (2008, p.19), a vida e a morte estão casadas, para o autor a morte está sempre conosco, sussurrando em nossos ouvidos e muitas vezes inconscientemente não damos ouvido a elas. O homem está em constante contato com esta possibilidade e, apesar do ser humano ter conhecimento de que a morte ronda a sua existência, não se tem controle do tempo, do como e quando este encontro inevitável acontecerá. Porém muitos fatos e

situações que ocorrem em nosso dia a dia faz com que muitos não percebem a finitude da vida.

Seguindo as ideias de Sartre, pode-se dizer que essa consciência da morte faz com que cada indivíduo busque suas vivências, faça suas escolhas e se permita viver intensamente, de acordo com o que almeja. O reconhecimento de sua finitude faz com que crie propósitos para o seu existir, pois a morte é uma experiência sobre a qual os vivos não têm informações concretas. Cada pessoa tem sua crença diante deste assunto, mas somente quem morre é que a experiência, e ninguém podem passar pelo processo de morrer no lugar de outro alguém. (TUY 2009)

Entretanto, não é possível falar da morte isoladamente. A morte está intimamente relacionada à vida, pois é nítido que, sem a vida, não haveria a morte. E, a partir deste pressuposto, é necessário considerar que a vida está atrelada à existência, e a existência está relacionada a alegrias e sofrimentos e muitos outros sentimentos. Assim, para abordar o tema da morte na perspectiva fenomenológico existencial, é preciso, primeiramente, abordar o que é a existência, para então buscar compreender o sentido da morte, pois estas duas vertentes estão paradoxalmente interligadas. (YALOM 2008).

Segundo Oliveira (2012), existem três traços fundamentais, relacionados ao Dasein, são eles: ser-no-mundo, ser-com-os-outros e ser-para-a-morte. Ao referir-se ao ser-com-os-outros, Oliveira (2012) explica que não existe ser humano que seja isolado dos outros semelhantes, há sempre uma relação entre os mesmos. Já o ser no-mundo se dá quando o homem significa a sua existência a partir de suas escolhas; isso é o que lhe permite existir, porém, a morte não é algo que pode ser escolhido, pois o homem não pode optar por não morrer. Portanto, quando se percebe a possibilidade da morte, inicia-se a compreensão do ser-para-a-morte (OLIVEIRA, 2012).

O homem, ao ter consciência da possibilidade da morte, é inevitável o desenvolvimento do sentimento de angústia, o que conseqüentemente faz com que se pense sobre o não sentido da própria existência. Abrindo assim possibilidade para que a vida seja encarada de forma finita, que poderá acabar a qualquer momento. É a partir desta consciência de finitude que o Dasein encontra a sua forma autêntica de vida. É compreendendo a morte que o homem entende que encerrou o seu propósito de ser no mundo. Isso concretiza o pensamento existencialista, pautando os estudos

sobre a morte em pressupostos que fundamentam a inegável realidade subjetividade da morte. (OLIVEIRA, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura aponta que a morte de um ente querido e o luto são momentos de reflexão sobre a própria finitude permitindo novos modos de enfrentar o próprio existir, a exigência da elaboração rápida e imediata vivida na atualidade de nossa sociedade pode ser por uma perspectiva fenomenológica substituída pela compreensão do outro como abertura de si.

Em nossa cultura é nítido observar que os homens são incentivados a não chorar, e todas as pessoas enlutadas são encorajadas pelas outras que estão a sua volta, inclusive por familiares próximos que também estão enlutados, a abandonar a experiência do luto, não é raro observar um componente familiar vivendo seu processo isoladamente de luto, ou forçar-se a abandoná-lo antes de tê-lo completado, assim caminha-se a repressão emocional.

A vivência da perda e a consideração da abertura ao horizonte da finitude que se apresentam neste momento são fundamentais para a articulação de novas formas de sentido do outro e de si mesmo no horizonte existencial do enlutado. Enlutar-se não designa apenas um período necessário a ser esquecido ou superado, mas uma crise de sentido que permite um novo relacionar-se com o que se perdeu o outro e, portanto o que se perdeu de possibilidades de sua existência singular enquanto ser-no-mundo, seja no esquecer, ou mesmo no manter uma coexistência na presença-ausente da saudade.

A morte é algo inevitável, que faz ou fará parte de nossa vida, pois não está distante da realidade de nós, seres humanos. O processo do luto é um percurso que irá variar de pessoa para pessoa em relação ao tempo e à intensidade, e o sentido da cura é por meio da aceitação do luto, ou seja, das perdas. Quando não se tem uma aceitação, o processo do luto torna-se complicado, e isso depende de diversas variáveis, como o tipo/causa da morte.

A tristeza negada ou inibida não deixa que a realidade da perda seja vivida, desta forma a pessoa pode deslocar o que está sentindo de forma inconsciente para outros setores da vida.

Quando as mortes são traumáticas e inesperadas, o choque e o estresse são maiores, podendo gerar sérios problemas psicológicos nos enlutados, e para esse indivíduo é fundamental receber o o suporte adequado para o enfrentamento da situação de luto, é nítido que a psicologia tem esse importante papel no acolhimento e escuta de sujeitos em processo de elaboração do luto.

Uma psicologia fenomenológica procura revelar o ser humano para si próprio, refletir sobre si próprio e suas observações. Na sociedade atual há uma pressão e exigência para a elaboração rápida do luto, isso não é benéfico, viver e adotar a perspectiva fenomenológica para a compreensão do luto permite um novo relacionar-se com a existência singular enquanto ser-no-mundo.

6 REFERENCIAS

- Angerami-camon, Valdemar Augusto. Psicoterapia existencial. São Paulo: Pioneira, 1998.
- Ariés, p. (1989). Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média. Lisboa: Teorema. 1989.
- Brown, f. (1989). O impacto da morte e das doenças graves no ciclo de vida da família. O Ciclo de Vida Familiar em Mudança (2 ed.). Boston: Allyn and Bacon. 1989.
- Caputo, r. f. **O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico.** Revista Multidisciplinar Da Uniesp. Saber acadêmico - n^o 06 - dez. 2008.
- Carnaúba, a. **luto em situações de morte inesperada.** Revista psique, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 43-51, ago./dez. 2016. Acesso em out 2019.
- Carvalho, v. a. A vida que há na morte. In. Bromberg, m. H. P. Et al. **Vida e morte: laços da existência.** São Paulo: casa do psicólogo 1996.
- De Carvalho, r. (1990). A History of the Third Force in Psychology. Journal of Humanistic Psychology, 30, 22-44. 1990.
- Elias, n. A Solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer: Ed: Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro: 2001.
- Freitas, J, I. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva revista da abordagem gestáltica – estudos fenomenológicos – xix(1): 97-105, jan-jul, 2013
- Gomes, A, j, g. *Competências profissionais e concepções religiosas dos psicólogos no acompanhamento do processo de luto.* 2019. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde. Faculdade de Filosofia. Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. Fev 2019.
- Heidegger, Martin. Ser e tempo. Tradução de Fausto Castilho. Editora da UNICAMP: Vozes. Campinas, SP; Rio de Janeiro. 2012.
- Holanda, A. Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 14, n. 2, p. 33-46, 1997.
- Holanda, A, F. Goto, T, a. Costal, i. **Revista ética e filosofia política Número XX – Volume I.** – Junho de 2017 Disponível em: www.ufjf.br/eticaefilosofia ISSN: 1414-3917. Acesso em 12 out 2019.
- Kovács, M.J. (2014). A caminho da morte com dignidade no século XXI. Revista Bioética, 22(1), 94-104. Recuperado de: <http://revistabioetica.cfm.org.br/index>.

php/revistabioetica/article/view/886. Acesso em 18 nov. 2019.

Kubler-ross, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, p.299 .1996

Lima neto, Valdir Barbosa. **A espiritualidade em logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial**. Revista da Abordagem Gestáltica, v. 19, n. 2, p. 220-229, 2013.

Lopes, A. Ontologia, morte e poesia: A questão do Ser em Heidegger. Monografia não publicada. UFRN. Natal 2007.

Moreira, Clínica humanista-fenomenológica: Estudos em psicoterapia e psicopatologia crítica. São Paulo .2009.

Moreira, V. Tatossian, A., &. (2012). Clínica do Lebenswelt: Psicoterapia e psicopatologia fenomenológica. Escuta São Paulo, 2012.

Oliveira, Rafael G. de. O sentido da morte na analítica existencial do Dasein de Heidegger. 2012. Disponível em:
<http://pensamentoextemporaneo.wordpress.com/2012/11/05/o-sentido-da-morte/>. Acesso em: 18 Nov. 2019.

Parkes, Colin Murray. Luto: estudos sobre a perda na vida adulta. 3 ed. São Paulo: Summus, p.294 .1998.

Pereira, C. B., Bruno, R. V., Duarte, R. T., & Matos, M. M. N. G. (2015). O processo de luto inerente à morte da infância à velhice. *Revista de Psicologia Da Criança E Do Adolescente*, 5(2), 31–42. 2015. Disponível em :
<http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/view/1869>. Acesso em out 2019.

Pereira, I. C. O. Avaliação do processo de luto: na perspectiva do cuidador enlutado. Universidade de Lisboa. 2014

Queiroz. A, H, A, B, Pontes R, J, S. Percepção de familiares e profissionais de saúde sobre os cuidados no final da vida no âmbito da atenção primária à saúde. *Ciência Saúde Coletiva*. P. 2615- 2623. 2013

Rogers, C. R. Definições das noções teóricas. In C. R. Rogers, & M. Kinget (Orgs.), *Psicoterapia e relações humanas: Teoria e prática da terapia não-diretiva*. (Vol. 1, pp. 157-179). Belo Horizonte, MG: Interlivros. (Originalmente publicado em 1965).

Sartre. J, p. O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica. 15 ed., tradução de Paulo Perdígão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

Silva, m, o; Lopes. R. Fenomenologia. **Revista Brasileira de enfermagem**, v. 61, n. 2, p. 254-257, 2008.

Tuy, A, E. Existencialismo e a morte. Disponível em:
<http://www.artigos.etc.br/Existencialismo-e-a-morte.html>. Acesso em: 17 de nov
2019.

Yalom, I. Os desafios da terapia: reflexões para pacientes e terapeutas. Tradução:
Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Worden, W.J. (2013). Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde
mental (4ª Ed.). Porto Alegre: Artmed. 2013.